



CONSELHEIRO ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

FALLECIDO EM LISBOA A 30 DE JULHO DE 1878.

A' memoria de um dos mais illustres e dos mais notaveis jornalistas portuguezes, de um dos escriptores mais elegantes e espirituosos. Devo a este homem a honra de trabalhar para o publico ha oito annos; foi pela mão d'elle que appareci pela primeira vez, a elle devi sempre animação e consolo nos muitos pedaços amargos da minha carreira artistica. Sinto que só n'esta occasião possa fazer bem publico quanto devi a esse grande talento, no tumulto do qual deposito, de bem longe, uma saudade.

Bio, 10 de agosto de 1878.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.



Recebemos:

Bibliotheca economica, n.ºs 12, 13 e 14. — *Noções de arithmetica e do systema metrico decimal*, por Manuel Rodrigues da Costa. — *Deus na natureza*, por Camillo Flammarion, 1.º e 2.º tomo, edição Garnier. — *Resposta ao bispo do Rio de Janeiro*, 2.ª parte, por José Palmella. — *O cantico dos canticos*, de Carneiro Villela. — *Amor e virtude*, dramalhão em 4 actos, por João Rodrigues Lins. — *Bibliotheca romantica*, n.ºs 1 e 2. — *Revista do Atheneu*, organo do Atheneu Academico, n.ºs 4 e 5. — *Relatorio do Banco Commercial*, apresentado em assembléa geral dos accionistas, pelo Exm. Sr. Visconde de S. Salvador de Mattosinhos. — *Relatorio da Bibliotheca Municipal*, apresentado pelo bibliothecario Afonso Herculano de Lima. — *Relatorio* apresentado á assembléa geral dos accionistas do Banco do Commercio pelo seu presidente, senador Antonio Candido da Cruz Machado.

Muito obrigados!

Agradecemos:

Aos professores de musica da orchestra do Cassino o convite que nos enviaram para o concerto de occarinas, no dia 4, no Conservatorio de Musica.

O programma da Exposição Industrial Fluminense, organisa da e dirigida pela Mutuação Philantropica e Protectora.

Ao Congresso Brasileiro agradecemos o convite que nos fez para assistirmos ao baile do dia 27 do corrente.

Ao distincto maestro portuguez Miguel Angelo Pereira agradecemos tambem o ter-nos convidado para a audição que fez de sua opera *Eurico*.

Aos Srs. Manuel Moreira Neves & C. agradecemos o bello queijo de Minas Geraes que nos remetteram.

Parece que, antes de nol-o mandarem, comeram um pedaço, por isso que esqueceram-se das competentes bananas.

AMIGO DOM BIBAS. — Tu disseste no nosso ultimo numero, tratando dos suicidios « que a auctoridade franze os sobr'olhos e os manda para casa. »

Ora saberás que isto aqui não é *Diario Official*, para se descompôr assim as auctoridades: a verdade é que estas, não mandam os sobr'olhos para casa, quando os franzem; mandam-os... bugiar.



A' Sua Magestade o Imperador.

Mejestade!



Besouro, pela primeira vez que se dirige a vós não sente aquellas indecisões, aquelles tremores e aquelles calafrios, aquelles duvidas, e gagueces dos que pela primeira vez se acercam da vossa real pessoa. Muito pelo contrario o *Besouro* sente o seu espirito largo e desafogado a ruminar umas cousas, que vos tem que dizer; e é que:

Os subditos, os bons subditos, os pacificos subditos de vossa Mejestade contam-se aos milhares n'este celeste imperio, que, na mui gasta e safada chapa, se estende do Oyapock ao Prata; porém os subditos especiaes, aquelles que uma circumstancia da vida os fez mais notaveis e queridos aos vossos olhos, não são tantos; são poucos, é verdade, porem bastam para saciar a sympathia canina de vossa Magestade. Um d'esses é o vosso sempre lembrado consul de New-York.

Magestade! Aquelle vosso mui digno funcionario acaba de proceder de um modo impossivel para com o seu passado; incoherente e antithetico com um credo, que rezára em bons e já idos tempos.

E' que o vosso consul foi simplesmente um republicano; um republicano do tempo de alguns dos vossos ministros, que juraram todos arrancar as regalias e os direitos com que vos apresentaes, almoçais, jantais e sois o meu imperador; o vosso consul jurou uns direitos, abraçou umas convicções, que são mui diversas e destoam do seu modo de proceder de hoje.

Deveis no entanto estar satisfeito; porém para nós o acto do senhor consul de New-York para com aquelle pobre galé, fez-lhe, a elle, que já era conhecido como um ruim cidadão, um máo homem e o que é mais—um vosso mui digno funcionario.

Assim, Magestade, só pedimos a prosperidade vossa, do paiz e dos vossos consules, especialmente o de New-York...e assigno-me pelo *Besouro*:

KIT.



Não mais insomnias

Recepe: D'um folhetim,
Que tenha *Alceste* no fim;
Leia só columna e meia
A' noute, depois... da ceia.
Do remedio faça uso
Mas evite o abuso.
E' tanta a semsaboria
Que provoca a lethargia!!

DR. K. MARÃO (*)

(*) Com licença do Sr. Alceste.

O voto livre



ue regosijo!
Que alegria!
Que folia!
Foi a semana do voto
livre.

Aquella em que nós, ci-
dadãos brazileiros, exercemos
o sagrado direito do voto,
outhorgado pelo nosso pacto
fundamental.

*

Que alegria! Que folia!
O jubilo invade-nos desde

a raiz dos cabellos até ás raizes das unhas dos
pés!

Votámos!

Estas tres syllabas, quasi que nos fazem
dançar a polka! *Votámos!* Oh! como é bom
votar! Como é bello cumprir um dever tão
augusto! (*)

*

E que nos venham dizer que não somos um
povo na pujança da sua liberdade! Que o digam,
e vejam se alguém acredita em tal calúnia!
E como não fôra assim?

*

Estamos ou não estamos no regimen libe-
ral?

O que diz o *Diario Official* a tal respeito?
Diz que sim. Pois, bem, ora ahi está!

*

Porventura o facto de se negar entrada na
Igreja a alguns votantes que se sabia não serem
liberaes, prova alguma cousa contra a liberdade
do voto?

Seguramente, não, mil vezes não!

O que tal prohibição pôde revellar é o mais
louvavel desejo da parte do governo.

Está evidentemente demonstrado que esta
chapa a que se chama *progresso dos povos*, de-
pende principalmente do maior numero de idéas
liberaes, postas em pratica com relação ao seu
systema eleitoral, á sua administração da justiça,
ás suas industrias, etc., etc.

*

Ora o governo que felizmente nos rege é li-
beral, e como tal não pôde senão desejar que o
paiz seja tambem liberal. N'este caso o que faz
o governo de D. Gaspar?

Supprime tudo que não é liberal para ter
maioria.

Ora, ahi está!

E viva o voto livre!

*

Tão livre, exercido com tanta franqueza e
tão á vontade, que em algumas freguezias, nem
se fez caso d'aquella prescripção legal que de-
termina que o voto seja secreto.

Os votantes, para não se confundirem e não
se esquecerem dos nomes em que a sua *conscien-
cia* os mandava votar, pozeram uma marca. Exa-

ctamente como os burros na feira de Sorocaba.
Os votantes são ferrados na anca para não se es-
tramalharem.

*

E viva o voto livre!

Exercido com tanto entusiasmo, que em
algumas freguezias deram-se casos verdadeira-
mente extraordinarios e que provam a santa
exaltação patriótica dos patrióticos votantes.

Na Gloria, chamado um votante, tão fóra
de si elle ficou, que se dirigiu para a meza, tre-
mulo de alegria, os olhos humedecidos pelas la-
grimas do reconhecimento e a voz sumida.

O infeliz estendeu o braço para entregar a
lista. Por um acaso, porém, na mão com que
terminava esse braço, em vez da lista, estava
uma navalha de móla.

Foi necessario o mezario dizer-lhe:

— A outra, seu diabo!

E então appareceu a lista!

*

Em Sant'Anna tambem depois de chamado
chegou-se á meza um votante. Este ficou esta-
tico.

Um dos mezarios:

— Dê cá aquillo que lhe dei ha pouco.

E o homem mette a mão no bolço, apre-
senta uma nota de 10\$000 réis e diz chorando:

— Quem dá e torna a pedir...

Foi ainda necessario o mezario repetir:

— A outra, seu animal!

E o rosto do votante alegrou-se, tendo que
dar um outro papel em vez da nota!

Ora ahi está!

E viva o voto livre!

E viva D. Gaspar!

Unico meio de ter a hora certa

O regular-se a gente pelo seu relógio, sa-
bendo cada um quantos minutos elle está atra-
zado.

X.

A mulher que ri

Podeis descer ao circo, esplendida senhora!
Alli onde o prazer estridulo começa,
Onde revive a farça, onde estrebucha e cessa,
Foi que Gwynplaine riu, o titere que chora.

O riso que entr'abris como na flôr sonora
E' o riso farçal, artistico, Condessa!
Differe: O *lord* tinha a mascara da peça,
E vós trazeis no rosto a mascara da aurora.

Podeis transpôr, comtudo, ó fina flôr de gaze!
Ao salto, ás ascensões aereas do funambulo,
A rima de punhaes do circulo da phrase.

Transponde! as multidões saúdam-vos no plectro!
Transponde! a maldição do ultimo noctambulo
Faz estrugir de longe o látego do metro!

FONTOURA XAVIER.

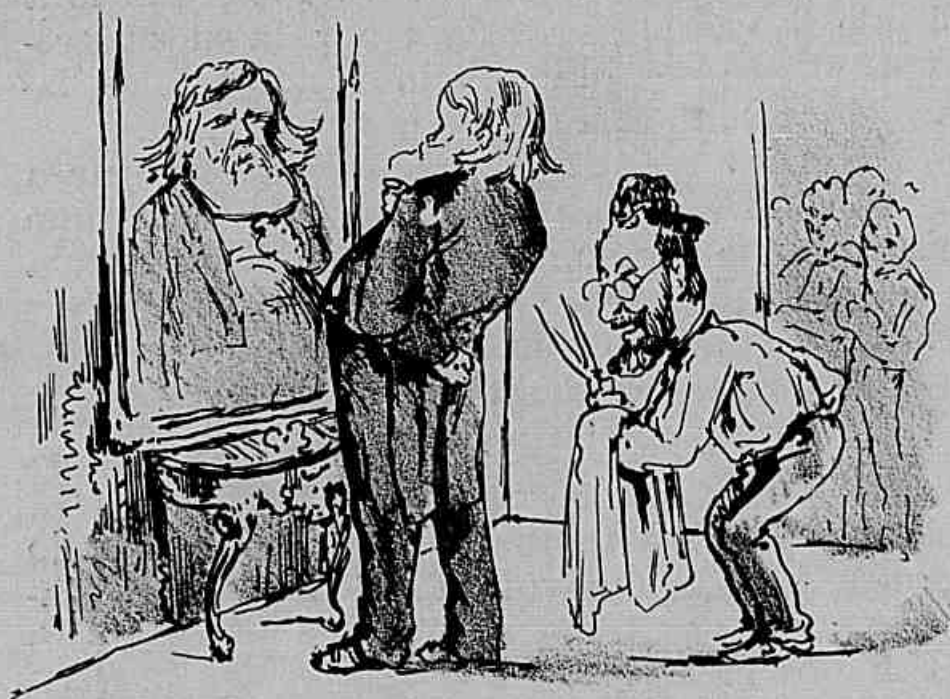
(*) Augusto ou Antonio.



Entre a navalha e o punhal
a thesoura — corta mais —

AS ELEIÇÕES

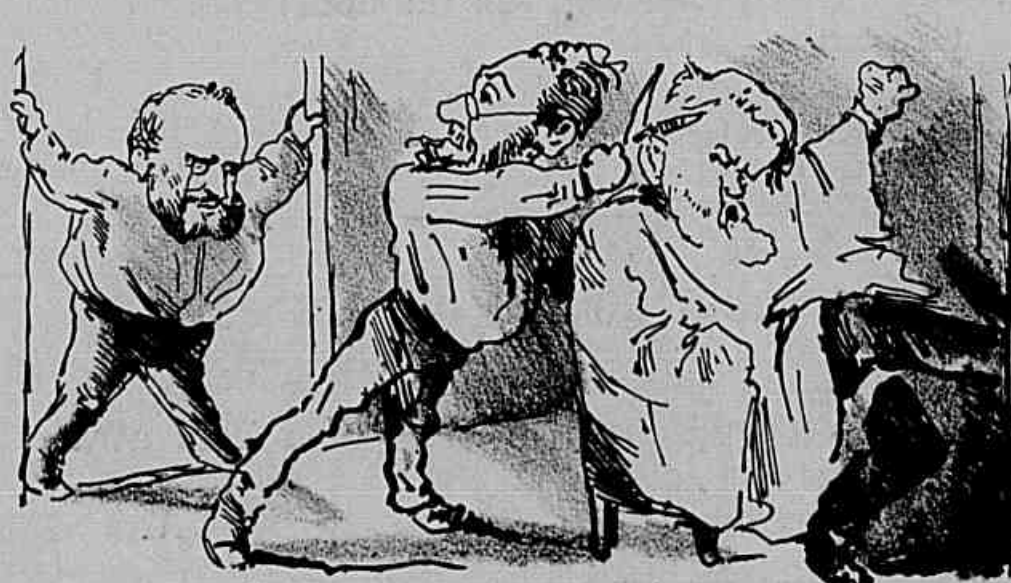
NO



Já sei, já sei que tenho de cortar os cabellos, não quero parecer o Christo n'este Calvario. — Preciso fazer modificações, não apparecerei á gente nova com a cara do anno passado — já sei que devo ser outra coisa — seu mestre, cabelo curto.
— Sim, meu senhor, é mais economico e mais fresco, — sou forte em cortes — descance.

Começa a operação, os augustos cabellos do meu xará cahem debaixo da thesoura democratica do feroz ARTISTA.

Começam os rumores entre os novos officiaes d'este Pantheon da gloria barbeiral — todos querem ser socios do estabelecimento. — Meu xará diz ao mestre com um sorriso: — Porque não fazem os tres isto em casa sem intervenção dos creados, pagos para o barulho? Escolham seus officiaes, já sabem que vencem... são os donos da casa. Para que este apparato?



E' n'este momento que á porta diz um freguez agaiatado: *Oh! mestre tem obra feita?*

— Ui, seu Gaspar, repare que me fere sempre na orelha.

— Não tem duvida, meu senhor, é por causa do corte curto.

— Se me vier inflamação?

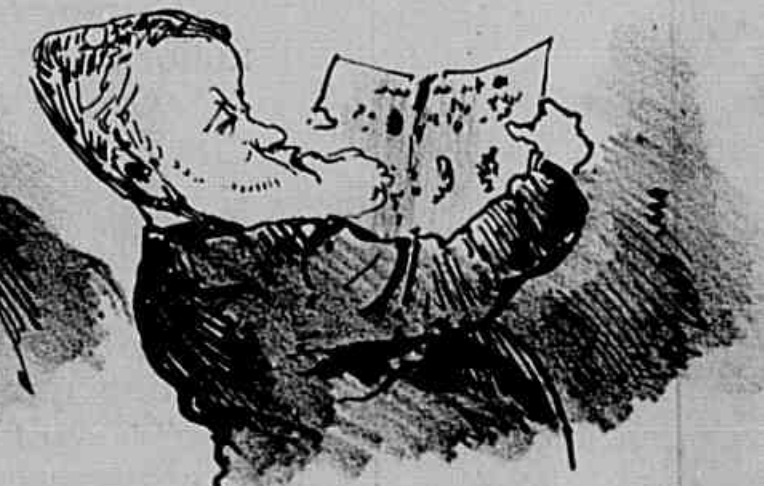
Mestre. — Já sei que a soffre.

Xará. — Já sei, é propriedade minha.

— Perdão, meu Sr., eu dizia não sei se...

Veja como é curioso isto, os sujeitos são fóra da loja brancos; quando vêm exercer seus direitos de cidadãos ficam pretos. Fóra são capangas — dentro, são cidadãos!

— Quer fosforos, meu senhor? — Sim como os outros que accodem bem, e com estalo.



Tudo se passou como ha cem annos atrás
Está direito.

Por este caminho mestre Gaspar levará meu Xará a usar bigode e pêra, e a fazer tudo sem necessidade do povo, palavra exotica sanscrita.

Por ultimo, sabemos por nossa vez que o Xará dirá: — Já sei, já sei que nem sequer posso cortar meus cabellos!

NO BARBEIRO — Sabem quem elle é?



os novos offi-
arbeiral — to-
imento. — Meu
iso: — Porque
em intervenção
ho? Escolham
cem... são os
arato?

Não, meu senhor, é preciso fingir o povo — e fazemos — *comme les autres*, para nos vingarmos. Sem isto que diria o Povo!

Já sei, já sei que *poovo* é uma palavra vã, garantias de cidadão, outra, e liberdade individual outra. Já sei, já sei. (E os augustos cabellos continuam debaixo do córte violento).

Seu Gaspar, Mestre! Quero mostrar que não serei como Samsão, ainda conservarei a força depois de cortadas as melenas, já sei, já sei que se espanta seu mestre. O mestre, com um sorriso gaiato cortava-lh'o á *inglesa*.



enhor? — Sim
m bem, e com

— N'este ponto — estava cortada a gadelha de meu Xará — aparada a barba — feita a eleição, cumprida, por meio do fosforo, a *livre* vontade do povo, que dormia tranquillo sobre os acontecimentos cerrados nas folhas.

— O antigo freguez de meu xará, aquelle que aguerrido lhe dispanha dos cabellos tivera como Napoleão o seu Waterloo — Esperava Santa Helena. Mestre Gaspar — sorria — sobre o sarabulho

— Meu xará lavava as mãos como Pilatos de cabellos curtos — Não se pareceu com o Christo, foi com o outro.



r nossa véz
sei que nem
ellos!

Nós respondemos: porque não, meu Senhor, como o exemplo, *parte de cima a limpeza dos povos*.

Oxalá lhe seguissem o exemplo estes que escondem navalhas no nariz, nas orelhas, nos bigodes e nos cabellos. Oh se os cortassem!

Seria mestre Gaspar o Leonardo do meu Xará?
— Hudson, deixa crescer outra vez as melenas não cortes mais, se as cortares...

BARTOLO PINHEIRO

Typos e Typões

IV

FERREIRA DE ARAUJO



' um homem extremamente gordo, extremamente alto e extremamente atarefado.

E' medico, jornalista, comediographo, folhetinista e (*proh pudor!*) poeta lyrico.

Anda sempre tão trabalhado que em certa occasião, depois de receitar copahyba para um amigo meu, não assignou a receita; pôz por baixo:

« O que dirá o *Apostolo?* »

Escreve as *Revistas politicas* das segundas feiras, que teem agradado muito.

Especialmente ao Sr. Ramalho Ortigão.

O Lino, seu companheiro na *Gazeta*, tem um ideal: elevar-se á altura de um principio.

Elle só deseja uma coisa: ser o Conselheiro Teixeira de Vasconcellos de cá.

Gosta delirantemente dos rapazes que escrevem e do angú da Travessa das Bellas-Artes.

Quem me informou d'esta ultima paixão foi o Arthur n. 6, que tambem é *dilettanti* e já o tem encontrado muitas vezes por lá.

DOM BIBAS.

Uma razão justa.

E's bella! São divinaes,
De encanto, os olhos teus!
Tens os labios sensuaes!
E um seio... Santo Deus!!

E's altiva—elegante,
Tens bom porte—pé de fada.
E's airosa (*) e bastante
Meiga, boa e... córada!

Tens da rosa o esplendor!
Fallas francez—Não és tola,
O teu dote é tentador!

E's meiga qual meiga rola,
Mas eu não te tenho amor,
Porque cheiras...á cebola!!

K. MARÃO (**).



(*) Não é o da Rua do Carmo.
(**) Com licença do Sr. Alceste.

Folhos

— Casei-me, meu amigo!
— Ah!
— Tenho uma mulher...
— Sim?!
— Aparece, meu amigo, apparece, porque sabes que o que é meu é teu.
— Sim!?

*

— Acabo de ser victima de um roubo; emprestei cem mil réis a X*** e elle some-se e... até hoje.

— Consola-te que elle tambem foi victima da tua... boa fé.

*

Nas eleições:

— Você não tem opinião.

— E você tem muita?

— Eu sou a opinião livre do senhor doutor

B***

*

No cazal:

— Sahes deputado, Pedro?

— Não sei, mulher.

— Ora pois, se não sahires deputado, o melhor é não sahir cousa nenhuma.

— Deixa estar que não saíio cousa nenhuma.

JULIÃO.

Processo.



o caso: duas elegantes damas tomaram o vapor em terras extranhas e longinquas, afim ide se transportarem para paiz mas extranho e mais longinquo. Entraram, socegadas e confiantes, no vapor, e comsigo entraram as malas, e as caixas, e os embrulhos e as vozes d'ellas.

E vai *ao depois* chegaram no paiz extranho, e saltaram, socegadas e confiantes, julgando que com ellas saltavam as malas, e as caixas, e os embrulhos e as vozes d'ellas.

E por fim, quando foram vêr, quando foram *ser vistas*—ou ser ouvidas—encontraram as suas pessoas, as suas malas, as suas caixas, os seus embrulhos; mas, oh! Deus! não encontraram o mais precioso: as suas vozes d'ellas!

Por isso vão ser processados o commandante, e os officiaes, e os passageiros, e os criados, e tudo do vapor que conduziu as Sras. Mariani e Bianchi Fiorio—que acabam de se vêr roubadas nas suas vozes.

Pois que foi uma legitima ladroeira a que commetteram—elles.

D. FILHO.



Gajices



allava-se de theatros em uma roda.

— Já viste o *Acrobata* no Cassino? perguntaram ao Tinoco.

— Não, respondeu o intelligente reporter; — mas vi o Blondin, quando cá esteve.

Ih! ih!

* * *

Referem as chronicas theatraes o seguinte successo na noite da estreia da actriz Luvini.

O empresario, que n'ella reconhecêra a maior vocação para o theatro, encarregara-a d'um importante papel, que devia, logo na sua primeira apparição em publico, ganhar-lhe merecida e grandiosa fama. Consistia o papel em dizer o personagem n'uma violenta scena do ultimo acto:

— *Jesus! eil-o: o barão no camarote!*

A Sra. Luvini preparou-se toda — um pouco de pó de arroz e um pouco mais de algodão — creou animo, entrou em scena, e... encalfou, exclamando:

— *Jesus! eil-o: o barote no camarão!*

Poah!!

* * *

O Arraes convidou ha dias o Dr. Ferreira de Araujo a ir com elle passeiar a Botafogo, dando-se como ponto de encontro o largo da Carioca, onde deviam tomar o respectivo bond.

A' hora ajustada lá estavam ambos, mas um em cada extremidade do largo; o Arraes junto á rua da Carioca e o Dr. Araujo perto do chariz da dita.

Passaram-se os segundos, os minutos, as horas, e nada de se encontrarem os homens. Afinal o Arraes decide-se a caminhar para o lado da Guarda Velha e lá encontra o amigo.

— Então, agora?

— Não, estou aqui ha muito, pois não me vias?

— Via-te sim, mas que queres? tomava-te pelo edificio da Typographia Nacional.....

Oooooh!!

FIM-FIM.



Noticiario.

redacção do *Besouro* vai bem de saúde, e ainda não levou nenhuma facada.

E' que não somos pessoas qualificadas...

Na primeira representação do *Baile de mascaras* attrahiu as geraes attenções o cabello de S. M. o Imperador, todo cortadinho de fresco — o cabello.

D'onde concluiu muita gente esperta — o Sr. Ramos de Queiroz, tambem — que já não são duas, mas sim tres as cousas igualmente curtas em Sua Magestade: o cabello, a vista... e as calças.

N'estes ultimos dias tem sido immenso o consumo de chapas, as quaes vêm ao cento nos apedidos dos jornaes.

Resulta d'ahi que o Sr. Zaluar não sabe como encher o proximo numero do seu *Vulgarizador*: já não ha mais chapas no mercado...

Um nosso diligente reporter communica-nos que o Sr. conselheiro Henriques comprou hontem um espelho e um macaco.

Bem se vê que S. Ex. não olha para as despesas superfluas nem attende ás economias: pois para S. Ex. qualquer um d'esses objectos não dispensava inteiramente o outro?

Chegou hontem um grande sortimento de goiabada de Campos, da melhor marca que tem vindo ao mercado.

Na semana passada chegára-nos a noticia de que grande numero de barrigas foram alli rasgadas, para simples preparativos de eleições.

Não podemos comprehender que relação existe entre estas duas noticias!

Vão ser expostos no Castellões uns elegantes cartões que trazem por entre ramagens e flôres os bellos retratos das Sras. Mariani e Fiorio, e por baixo — por baixo dos cartões — a engraçada phrase: — *onde está a voz?*

Correu hontem por toda a cidade um boato verdadeiramente assustador, mas como elle correu muito não o pudemos apanhar.

Talvez possa ser encontrado na *Reforma*, na sua *Revista dos jornaes*, que muito se parece com os boatos... que se foram.

Reconheço que está muito chocho este noticiario de hoje: mas quem não o achar bom e o quizer melhor, que apresente-se e chegue-se para ser noticiarista cá.

MELLO.

ELEIÇÕES. — A nossa chapa.

A nossa cedula é esta. Deitamol-a na urna de Ferrari. Votamos nos pagens — lyricos, — somos assim da opinião de muitos Principes. Não somos peritos em musica, para nós os cantores estão sempre um ponto acima; cantam de cima do palco, em quanto nós os ouvimos da platea um ponto abaixo. Então os pagens muitos pontos acima (não me refiro aos pagens da roça).



Votamos tambem pelas *matinées* do maestro Miguel Angelo no Cassino Fluminense — apenas suspenda o sol suspendemos nós para lá — no dia 18 — olé — melodias ao almoço.